

DAS CALDAS

Este numero destinamol-o a commemorar a visita de sua magestade a senhora D. Maria Pia ás Caldas da Rainha.

Bem prevemos que saraivada de bilhetes postaes, que tempestade de cartas anonymas, que diluvio de commentarios extranhos vac, por este facto, desabar sobre a nossa humilissima pessoa...

Pois que venha a saraivada, a tempestade e o diluvio, que para tudo isso nós estamos a coberto sob o impermeavel guarda-chuva da nossa consciencia.

O nosso jornal não recebeu nunca, não recebe hoje, e não tenciona receber de futuro, o santo e a senha de partido algum, desde os retrogrados que convenciam pela forza até os mais avançados que pretendem vencer pela dynamite.

Nada d'isso, graças a Deus Nosso Senhor!...

Se temos manifestado por uma designada feição politica a nossa adhesão e a nossa sympathia, é exclusivamente porque essa feição mais de que as outras, se coaduna como o nosso modo de pensar e de sentir e sem outro compromisso que não seja o singular affecto que nos merece tudo o que é justo e tudo o que é bom.

Mais d'uma vez affirmámos já estes principios, prestando o nosso applauso muito sincero a quanto se nos afigura bom e justo, sem nos preoccuparmos com o credo politico de quem nos merece os elogios.

Ora sua magestade a rainha interessou-se, o mais vivamente que é possível, por uma industria puramente nacional, que occupa já cento e cincoenta operarios, exclusivamente portuguezes; uma industria que promete engrandecer-nos aos olhos do estrangeiro; uma industria que representa largo passo no caminho do progresso—podemos dizel-o sem sombra de vaidade, visto como a muitos toca a honra de semelhante empreendimento.

Sua magestade a rainha, distinguíu-nos—como nenhuma senhora burguezia nos distinguira ainda—trabalhando com um interesse evidente na industria a que nos consagramos, e fazendo convergir sobre essa industria a attenção de muitos, que até então lhe não tinham porventura concedido um olhar da sua graça...

Em natural reconhecimento por esse acto de subida gentileza—que aliás não tivemos a honra de solicitar, o que de certo mais nos obriga—sentimo-nos no direito de fazer o que fizemos e estamos fazendo, tal como: pormover-lhe festejos, armar-lhe gondolas, dedicar-lhe jornacs, e levantar-lhe vivas com toda a forza dos nossos pulmões—ou nos limites da nossa rouquidão...

Acima do ideal politico pomos a prosperidade do nosso paiz—mesmo porque não comprehendemos aquelle sem a junção impreterivel d'esta.

Todas as vezes que um principe de sangue se interesse dedicadamente pelo trabalho nacional, pelo desenvolvimento da arte, pelo futuro do operario, esse principe de sangue valerá no nosso conceito mil vezes mais de que o pastorinho de raça que passe a vida a

cuidar exclusivamente da sua pessoa.

Temos dito.

E agora venha a saraivada de bilhetes postaes, a tempestade de cartas anonymas, o diluvio de commentarios extranhos, que já estamos com o dedo na mola do nosso impermeavel guarda-chuva...



Disse *Forasteiro*, correspondente das Caldas para o *Seculo*, que n'aquella terra um fabricante de loiça cahira de joelhos aos pés da rainha, sem que esta lhe ligasse a menor importancia.



Estando nós por essa occasião nas Caldas e não tendo sequer ouvido fallar em semelhante episodio, pedimos a *Forasteiro* que nos diga o nome do tal fabricante, *pa pa Santa Justa*—cá por causa d'uma coisa...



O Sebastião da Copa deve á partida rapida de sua magestade a rainha a providencia de não ter ficado maneta.

Como se sabe, Sebastião, sempre que fornece os copinhos de agua das Caldas aos enfermos que o visitam, usa d'uns manços de braço, que augmentam e se multiplicam na razão directa do grau de fidalguia dos referidos enfermos.

Sebastião tem a crença de que, quanto mais o copinho sobe e desce, exposto ao jacto da torneira, mais efficaz se torna o effeito medicinal da sua agua.

Imagine-se que de cabriolas descrevia o copo quando Sebastião offertava agua a sua magestade!

O braço de Sebastião, abalado por tão continuos malabares, principiava já a desencravar-se da clavi-



cula; e Pópópim, prevendo a eminencia da catastrophe, escreveu para Lisboa, ao Mello cereeiro, afim de que lhe enviasse uma duzia de braços de cera para acudir ás provaveis urgencias do Sebastião da Copa.

O dito Pópópim censurou asperamente o dito Sebastião por servir sua magestade com o mesmo braço com que servia toda a gente e diz-se que pensa, quando a rainha voltar ás Caldas, em pedir emprestado ao Val do Rio o Braço de Prata onde aquelle commerciante tem os seus depositos.

É uma ideia digna de Pópópim!



AO MEU AGRADAVEL COMPANHEIRO

BARATA LOURA

O' Popopim de mã moite;
— P'ra que é que teimas assim ?!
— Pra que és tu cascudo, Pim ?!
— P'ra que, por tudo, dás sorte ?!

Agora, meu paliteiro,
Fullo de raiva, dás hurros,
Por as corridas dos burros
Engolires por inteiro...!

Já engoliste a da porta,
Meu rapôza, meu matreiro...
— Vae-te a coisa agora torta!
— Tens macêca, conselheiro!!

Mas esta agora, a meu vêr,
— Tendo tu dito = que não =...
— Oh que desconsid'ração,
Tão durinha de roer!!

Ai que cóрте tão profundo
Na tua prozapia, Pih!
— Nunca se viu coisa assim !!
— O que dirá todo o mundo ?!!

E os tacs burricos, ovantes,
Lá vão correr no Passcio,
Sem nem sombra de receio
Dos teus féros... tão pedantes.

Desabafa agora em hurros
A tua signa tão torta,
— Mas engolle com a porta,
Mais — A CORRIDA DOS BURROS !!

BARATA-PRETA.

CHRONICA

A escacez quasi absoluta de assumptos politicos manifesta-se na sém-saboria dos artigos de fundo, que ha quasi dois mezes se não occupam d'outra coisa além da questão dos titulos falsos.

Como se sabe, o sr. Fontes, que tinha pelos jornaes um desprezo soberano—ao ponto de nem os lêr—veiu excepcionalmente á imprensa declarar que haviam abusado da sua chapa chancellando com ella titulos falsos, o que deu logar a que as folhas governamentais declarassem por seu turno que elle sr. Fontes fizera precisamente o mesmo em tempos que não vão longe e com a chancellada do sr. Barros Gomes.

Por aqui se conclue mais uma vez que «quem tem titulos de vidro não atrai cartas aos do visinho,» como igualmente se demonstra que «não ha peor inimigo de que o official do mesmo officio...»

O caso é que esta phrase : *titulos falsos*, por muito repisada, começou a morder continuamente no bichinho do ouvido de toda a gente, e o adjectivo *falsos* a tornar-se parte integrante do substantivo *titulos*, como succede com os militares, que são sempre *briosos*, com os amanuenses, que são sempre *assiduos*, com os artistas, que são sempre *distinctos* e com os poetas, que são sempre *inspirados*, de fórma que hoje já difficilmente se pôde escrever ou dizer *titulos*, sem que immediatamente se lhe addicione o complemento *falsos*!

Como se pôde imaginar, isto tem dado logar aos incidentes mais inesperados e mais compromettedores.

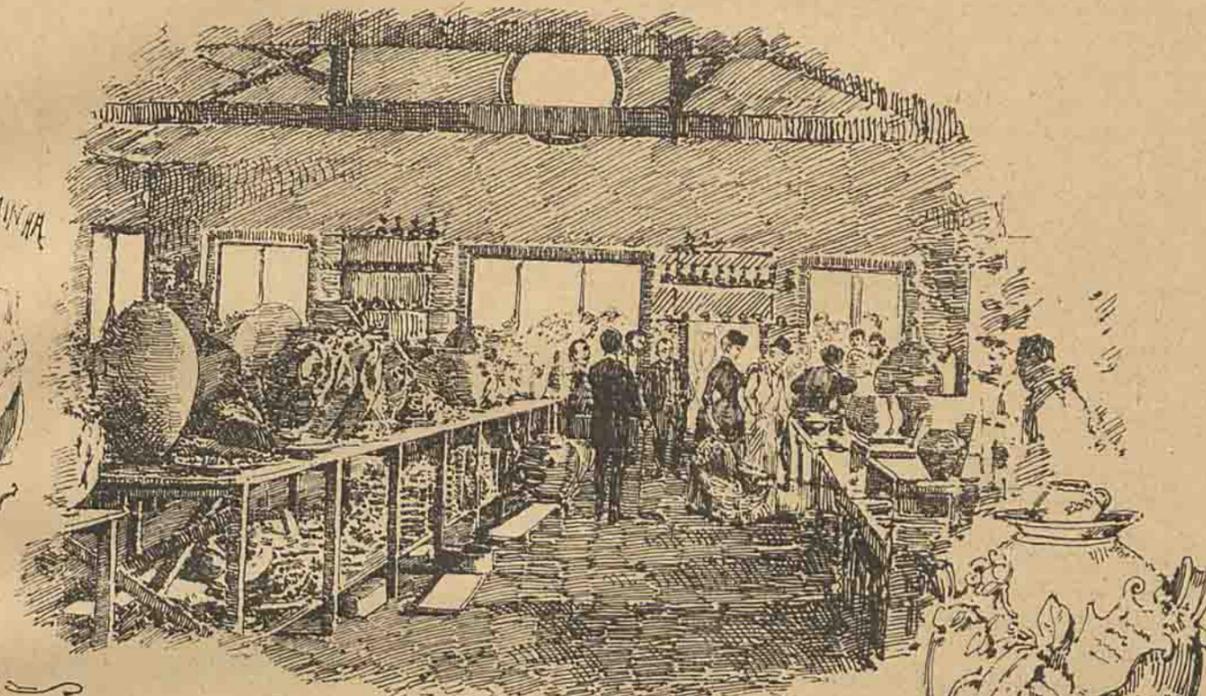
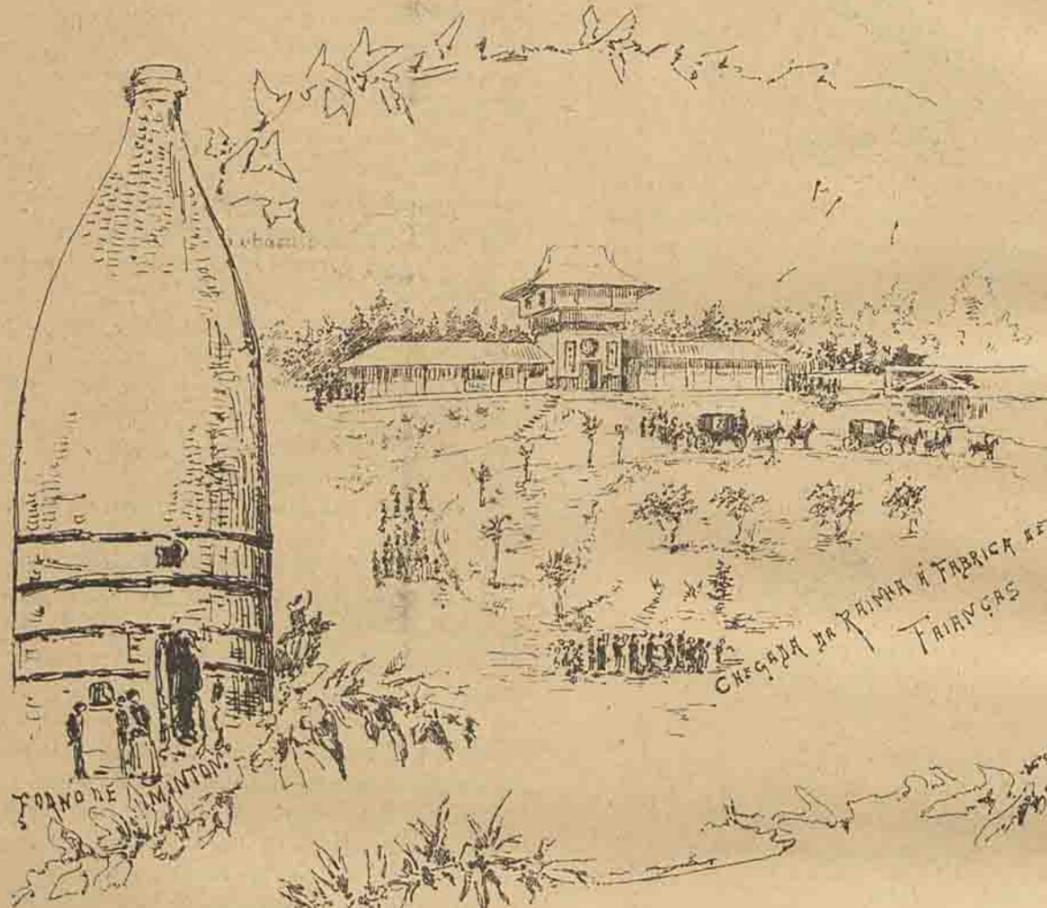
Ha dias, por exemplo, um cavalheiro dos mais distinctos da nossa primeira sociedade, concluiu por esta fórma e primeira missiva d'amor dirigida á dama dos seus pensamentos : «... e com isto não enfado mais, beijando as mãos de v. ex.ª, a quem profundamente considero por todos os titulos falsos!...?»

Como o uso faz lei não tardará decerto muito que o governo se veja obrigado a adoptar officialmente aquella formula, agraciando com *titulos falsos* de barões e de viscondes os raros mortaes que porventura ainda se achem indemnes da epidemia dos titulos verdadeiros...

Pareçe que, pelo ministerio da guerra, vae ser determinado que todos os militares passem a usar bengala de unicornio—uma vez que o porte da espada é



A RAINHA NAS CALDAS



PESCARIA NA LAGOA D'OBIDOS

VISITA A OFFICINA DE LOUCA ARTISTICA



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

A pescaria na lagoa d'Obidos foi, pelo seu aspecto singularmente pittoresco e original, uma das festas que sua magestade mais deve ter apreciado. Pené que as deliciosas margens d'essa formosissima lagoa não estejam, como mereciam, guarnecidas de elegante chalet.

reconhecidamente uma medida inutil—determinando-se ao mesmo tempo pelo ministerio do reino que todos os paisanos substituam as badinas por espadas de dois gumes em vista da febre de duellos que por ahi lavra a cada passo.

Applaudimos a medida, mas lembramos a conveniencia de que só lá para o inverno venha a ter execução.

O duello no inverno é não só proveitoso como hygienico e economico.

Hygienico e economico porque estimula o calor do sangue evitando os resfriamentos, sem dispendio de camisolas de flanela nem dependencia de meios grogs de França.

Proveitoso, porque, mediante duas balas que vão tomar ar ou mercê de seis cutiladas que ficam a metade do caminho, põe-se qualquer em evidencia por vinte e quatro horas em todos os cavacos do Martinho, em todas as *soirées* aristocraticas e em todos os intervallos de S. Carlos.

Mas agora, de verão, os duellos são perfeitamente inuteis.

S. Carlos está fechado; o Martinho está ás moscas; e o *high-life* de que se compõem as *soirées* espalha-se nas *thermas* e divide-se nas praias, perfeitamente ignorante ou indifferente de todos e por todos os duellos que se dêem nos arrabaldes da cidade de granito.

Assim, quem tiver motivos para se bater em duello, ponha as pistolas e os floretes a aboborar até o advento da cabeça de porco e da castanha assada, podendo entretanto ameaçar o antagonista com aquella phrase muito trivial:



—Deixa estar, grande bregeiro, que tens um bom amigo para o inverno...

PAN-TARANTULA.

ANNUNCIANTES DO ALMANACH DOS «PONTOS NOS II»

J. A. Rodrigues Fernandes. — Encadernador; Rua do Crucifixo, 87.

Quem tiver um livro usado,
Mande-o lá, p'ra lhe pôr capa;
Pois que diz sabio ditado:
«Quem tem capa, sempre escapa»...

Estacio y C.—Pharmacia; Praça de D. Pedro.

De calor suando em bica
Passam-se uns doces instantes
Lá no fundo da botica
A tomar *refrigerantes*...

M. F. Santos.—Officina do pintor; Rua Ivens, 35.

Com mil tintas, já brancas, já pretas,
Pinta tudo, n'um tom sempre vario,
Desde hobreiras, paineis, taboletas,
Aos bigodes do S. Januario!

CONVITE

— Na Rua Nova da Palma,
Nem tu sabes, nem tu julgas,
Como aberta agora a calma!
— Antes 'star fervendo em pulgas
Da epiderme ao fundo d'alma!

E eu passo o dia — ó Bernarda! —
Recolhido como um monge,
Arda o sol, como mostarda,
P'ra te vêr, lá muito ao longe,
Da janella da mansarda!

Na Avenida, com effeito,
O calor assim não arde;
Mas eu, preso, d'este geito,
Aqui passo o dia, a tarde,
Encostado ao parapeito!

Tisnado, como um chamiço
Que o fogo lambeu ao cabo,
Já estou farto do derriço,
Co' este calor do diabo,
Entaipado no cortiço!

Com honra cavalheiresca,
Bem sabes, te pago o foro
D'esta paixão romanesca...
Mas, se quizer's mais namoro,
Só se fôr pondo-me á fresca...

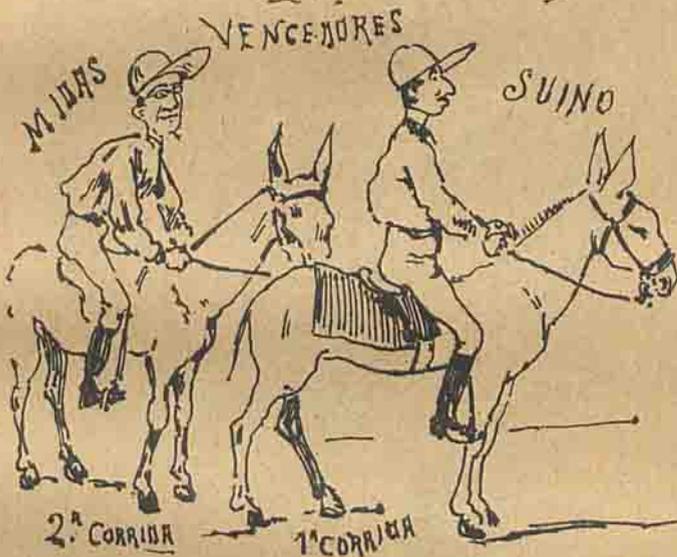
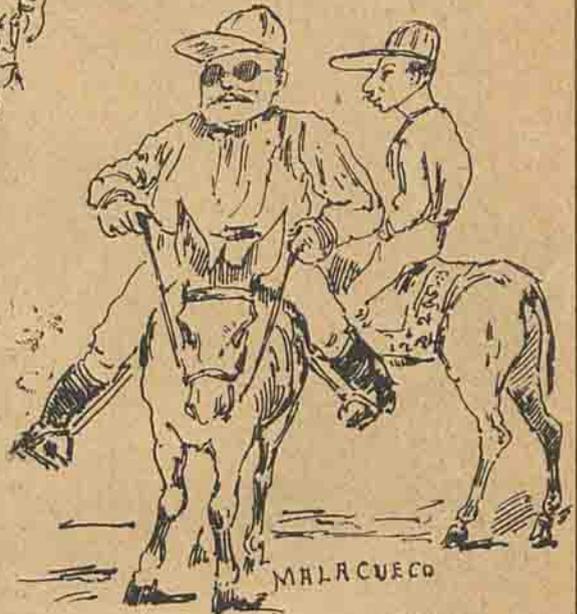
Assim, meu bem, hoje á noite,
Iremos ambos sósinhos,
Fugindo ao calido agoite,
A buscar, n'esses caminhos,
Onde o fresco se abiscoite...

A Aljés... á praia do Alfeite...
A Caparica... Depois,
P'ra que o tempo se aproveite,
Vamos ao Martinho, os dois,
Tomar *soryete* de leite...

PAN-TARANTULA.

A BURRICADA

OS VENCEDORES



O PROMOTOR DA FESTA

